



*Fundado no  
Sesquicentenário da  
Batalha do Seival*

# O GAÚCHO

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DO  
INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL  
**BRASIL – Bicentenário de Caxias**

**Ano 2004      200 anos do Conde de Porto Alegre      Nº 24**

**ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL- AHIMTB -  
INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL- IHTRGS -  
PALESTRA SOBRE O CONDE DE PORTO ALEGRE - MANUEL MARQUES DE SOUZA III  
IAB / SOLAR DO CONDE – 17 Jun 2004**

## A ESTIRPE

Vêm os Marques de Souza de uma nobreza cuja genealogia é da fidalguia portuguesa. Castilhos Goycochêa no “Condado de Porto Alegre” nos dá uma síntese biográfica da trindade homônima, avô, pai e neto. “O avô do Conde, pai do segundo Manoel Marques de Souza, foi o tenente-general do mesmo nome que figura com relevo em todas as páginas da História no período da fundação de São Pedro do Rio Grande do Sul até a Independência. Nascido, como o filho e o neto, na antiga Freguesia de Rio Grande, em 1743, é cedo envolvido nos fluxos e refluxos das duas ondas humanas que se entestavam desde Santa Catarina até a

Nova Colônia do Santíssimo Sacramento”, hoje Colônia, no Uruguai.

Descendia, portanto, o 1º Marques de Souza de velhos troncos portugueses, pois era filho de Antônio Simões, natural de S. Miguel do Milharado, patriarcado de Lisboa e de D. Quitéria Marques, natural de S. Mamede do Valongo, Bispado do Porto. De seu consórcio com a sorocabana D. Joaquina de Azevedo Lima, enlace efetuado em Porto Alegre a 27 de janeiro de 1774, teve entre outros, um filho a quem legou seu nome e com ele suas virtudes militares, o 2º Manoel Marques de Souza, que nasceu na capital gaúcha em 1780 e conquistou, também, as dragonas de general, antes de atingir os quarenta anos.

Este Marques de Souza, pelo nome que herdara e pelas suas façanhas militares no

Sul, igualmente alcançou, em 1808, por Alvará de 31 de outubro, o título de Fidalgo Cavaleiro da Casa Real.

É dele e de D. Senhorinha Inácia da Silveira que descende o 3º Manoel Marques de Souza, Barão, Visconde e Conde de Porto Alegre com grandeza, tenente-general do Exército Imperial.

Os antepassados eram nobres, portanto. Nobreza de sangue e de bravura.

O avô é o fundador da casa dos Marques de Souza no Brasil. O segundo, o pai, foi morto nas cercanias de Montevideú a 21 de novembro de 1824, quando contava apenas 44 anos de idade, e que fora o herói das vitórias sobre Frutuoso Rivera no Passo de Chafalote em 24 Set 1816 e em “Índia Muerta”, em 19 Nov do mesmo ano. Ao morrer, o Brigadeiro estava de posse do decreto imperial nomeando-o para o comando em chefe do Exército em operações na Cisplatina.

Manoel Marques de Souza II fez a carreira das armas com brilhantismo invulgar, até agora não registrado com evidência. Assentou praça em 08 Dez 1795 na Legião da Cavalaria Ligeira da Capitania de S. Pedro, quando contava 15 anos. Foi promovido a Ajudante em 01 Out 1802 e a Capitão em 25 Jul 1808. Foi Major em 1813, Tenente-Coronel e Coronel no mesmo ano de 1817, “pela intrepidez, decidido valor e lealdade com que se distinguiu na surpresa do Forte de Santa Teresa, na ação de Chafalote, que comandou, e na de Índia Muerta, em que foi ferido. E ainda, pelos distintos serviços em Montevideó. Foi Brigadeiro em 24 de junho de 1822. Todas as promoções

foram por merecimento. Desde 1808 fora elevado à dignidade de fidalgo da Casa do príncipe-regente D. João.

Estes foram os dois centauros cujo sangue iria ferver nas veias de um novo rebento que lhes continuaria a tradição de bravura, ainda no período em que o Brasil começava a definir-se politicamente para a Independência.

Nascido a 13 de junho de 1804, o menino Manuel não escuta, na casa paterna, mais do que histórias de entreveros sangrentos e evocações das façanhas dos campeadores, entre eles seu avô e seu pai. Isso lhe provoca o desejo ardente de um dia entrar também numa dessas lutas de cavaleiros. Quanto ao cavalo, aprendera a bem-querer o seu pingo com o amor de gaúcho, que vê nele o fiel companheiro.

Alfredo F. Rodrigues conta que, na sala rústica da estância dos Marques de Souza, vendo o avô preparar-se para partir, o garoto toma uma atitude marcial e pede:

– **Leva-me contigo, vovô!** Convicto de que será atendido.

O avô acha graça naquele entusiasmo, a mãe assustada, mas o menino insiste. “Não imaginas o que é uma guerra...”, responde o velho guerreiro, mas não resiste, vendo no seu neto de doze anos a continuação da saga da família.

– Está bem... vais comigo...

E assim começa a sua vida militar. Corre o ano de 1816. Participa de operações na região de Jaguarão e, alguns meses mais tarde, já é cadete num Regimento de Cavalaria Ligeira da Divisão de Voluntários Reais. O batismo de fogo, o

recebeu em uma expedição à Baía Negra, sob o comando do pai.

Nesta época, ano de 1817, o Capitão-General Carlos Frederico de Lécor está no comando do Exército de ocupação de Montevideú, e o Império age no contexto da campanha emancipacionista de José Artigas mas, principalmente, contra a influência de Buenos Aires, com Juan Maria de Pueyrredón, que queria anexar a Banda Oriental e interromper o acesso brasileiro ao Mato Grosso pelo Rio da Prata.

### A CISPLATINA

Neste cenário cisplatino, favorito das atividades dessa linhagem de esplêndidos militares, Marques de Souza II teve oportunidade de destacar-se em ações bélicas. No comando de um exército, sob as ordens de Lécor, vence D. Álvaro de Souza, que entrega as armas em Las Piedras.

Em 1824, o Brigadeiro Manoel Marques de Souza II morre envenenado em Montevideú, mas fica-lhe o filho, já com 20 anos, que também vinha lutando ao lado do avô, e depois junto ao pai, afirmando a sua personalidade naquela região agitada que era a margem esquerda do Rio da Prata. Conforme Carlos Maul, “é ele quem daí em diante falará pelos antepassados, na mesma carreira das armas que estes enobreceram, e juntará aos títulos herdados o seu brasão”.

De 1816 até 22, o jovem Manuel teve a companhia do avô e do pai. O avô faleceu no Rio de Janeiro em 22 de abril de 1822,

com 79 anos. O pai, em 1824, jovem ainda, com 44 anos. Em um período de seis anos, os três conviveram lutando, o que foi uma constante emulação para o nosso jovem Alferes. Ainda em 1818, combateu em Pando e Manga, e em 1823, participou, com distinção, junto ao pai, da Batalha de Las Piedras. De 1824 em diante, já primeiro-tenente, ficou sózinho, mas a sua motivação não arrefeceu, antes pelo contrário. Era necessário honrar seus antepassados, o que fez com empenho. Em 1825, estudou na Academia Militar do Largo de São Francisco mas, face à nova situação no Prata, teve que interromper os estudos e retornar ao sul.

Com efeito, a partir de 1825, novo quadro se apresenta. O Brasil independente enfrenta a luta de Lavalleja e Rivera pela incorporação da Província Cisplatina às Províncias Unidas do Rio da Prata, que lhes dava o apoio. Luta que terminaria, três anos após, com a criação da República Oriental do Uruguai.

Declarada a revolução dos **trinta e três**, de Lavalleja, a 19 de abril de 1825, entre as medidas tomadas por D. Pedro I, uma delas foi a suspensão das matrículas dos militares que pertenciam aos corpos do sul. Em outubro, de volta do Rio de Janeiro, Marques de Souza já estava novamente sob as ordens de Lécor. A 10 de dezembro deste mesmo ano o Império declara guerra às Províncias Unidas do Rio da Prata e bloqueia o Porto de Buenos Aires. Era a Guerra da Cisplatina.

Organizado o exército que devia enfrentar o argentino do General Carlos Maria de Alvear, Marques de Souza passou a servir sob as ordens do

brigadeiro comandante da 1ª divisão, Sebastião Barreto Pereira Pinto.

O ano de 1827 traria a maior batalha daquela guerra, a Batalha do Passo do Rosário, indecisa, com os exércitos de ambos os lados extremamente desgastados. A divisão Sebastião Barreto, à qual pertencia o tenente Marques de Souza foi a que primeiro investiu contra o inimigo. Da parte deste brigadeiro sobre a mesma batalha, consta:

“Os oficiais empregados às minhas ordens, Manoel Marques de Souza, tenente do estado-maior do exército, e Francisco Félix da Fonseca, tenente do batalhão de caçadores 23, cumpriram com seus deveres. Contudo, suplico de V. Exa. todo o favor e justiça pelo tenente Manoel Marques de Souza, pois muito me coadjuvou”.

Por sua conduta assim abonada, por decreto de 20 de março de 1827, foi Marques de Souza promovido a capitão, e a 16 de agosto seguinte passou a exercer o cargo de ajudante de ordens do tenente-general Visconde da Laguna, que substituíra o Visconde de Barbacena no comando do Exército do Sul.

A 27 de agosto de 1828 firmava-se no Rio de Janeiro a Convenção Preliminar de Paz entre a Argentina e o Brasil, fiadores da independência do Uruguai, a nova nação que surgia desse conflito.

Finda a Guerra, o nosso Capitão permaneceu em Montevidéu, integrando a Divisão de Observação Brasileira.

Manuel Marques de Souza, que atravessou mais de um decênio da sua existência nesse cenário de fogo, aí forjou as suas armas para a carreira que

seguiria em ascensão. Foi promovido a Major em 29 de março de 1829, assumindo funções no 4º Regimento de Cavalaria, unidade que, logo após iria comandar. Esta unidade é a que deu origem ao atual 8º RCMec – Regimento Conde de Porto Alegre, de Uruguaiana.

Vê-lo-emos reaparecer na Revolução Farroupilha, irrompida em 1835. Aí, como antes, e fiel ao lema de seus antepassados, está a serviço da legalidade.

## A REVOLUÇÃO FARROUPILHA

A 20 de setembro de 1835 iniciava-se a revolução dos Farrapos, com a entrada do Coronel Bento Gonçalves da Silva em Porto Alegre. Conforme De Paranhos Antunes, o desgosto dos gaúchos vinha de longe, desde a batalha do Passo do Rosário, mal conduzida, até as agitações que antecederam e precederam a abdicação de D. Pedro I, com a luta entre liberais e caramurus, além de causas econômicas, como se vê do manifesto de Bento Gonçalves. A má administração do presidente da Província, Dr. Fernandes Braga, precipitou os acontecimentos.

Fugindo de Porto Alegre, Fernandes Braga foi estabelecer seu governo na cidade do Rio Grande, vendo-se desamparado de quase todos os chefes militares da Província. Entre os poucos que ficaram fiéis à autoridade constituída, entretanto, estava o Major Manoel Marques de Souza. Ao lado do Tenente-Coronel João da Silva Tavares tratou de reunir elementos, e sabendo de junções rebeldes no Arroio Grande seguiu para ali, com

aquele chefe, juntos derrotando o cunhado de Bento Gonçalves, Manoel Antunes da Porciúncula, a 13 de outubro de 1835. Três dias depois, Silva Tavares, seu companheiro, era batido por Antonio Neto no Passo do Retiro, enquanto Marques de Souza conseguia chegar à cidade do Rio Grande com seus comandados.

Vendo-se ameaçado no Rio Grande, Fernandes Braga embarcou para o Rio, levando em sua comitiva o Major Marques de Souza.

Em seguida, o governo regencial demitiu o Dr. Fernandes Braga da Presidência da Província e nomeou para substituí-lo o Dr. José de Araújo Ribeiro, futuro Visconde do Rio Grande. O novo presidente tomou posse do governo a 15 de janeiro de 1836, perante a Câmara Municipal da cidade do Rio Grande, o que provocou protestos.

Na Corte, o Major Marques de Souza manifestou desejo de retornar imediatamente para os pagos, no que foi satisfeito, seguindo em março com um pequeno contingente de oitenta praças do 1º de Caçadores para Pelotas, onde assumiu o comando da guarnição. Mal havia tomado as primeiras medidas para a defesa da localidade, quando se viu atacado por 600 homens do Cel Souza Neto, tendo de capitular, visto que o Coronel Albano, que fora destacado para Pelotas, para auxiliar a sua defesa, achar-se ausente.

Mas a capitulação de Marques de Souza não foi tão rápida, conforme o depoimento de Alfredo Ferreira Rodrigues, historiador probo, que reuniu o

maior documentário sobre a grande revolução Farroupilha: “Vendo-se na impossibilidade de resistir a forças muito superiores tentou o major legalista ganhar tempo. Fortificou-se em um sobrado e aí procurou resistir até a volta de Albano, mas teve de capitular, entregando-se prisioneiro, como garantia de vida para todos. No dia seguinte, o Coronel Albano, que vinha em socorro de Pelotas, foi batido e aprisionado no Passo dos Negros, no São Gonçalo, a pequena distância da cidade”.

Os prisioneiros foram conduzidos para Porto Alegre, sendo Marques de Souza recolhido à “**presiganga**”, espécie de pontão flutuante, servindo de prisão, não sem antes ter assistido em caminho à execução de Albano, seu companheiro de infortúnio.

Ali, naquela prisão úmida e pouco higiênica, adquiriu Marques de Souza pertinaz reumatismo articular que muito o supliciou pelo resto da vida. Mesmo assim, o audacioso major começou a conspirar com seus companheiros, conseguindo interessar alguns, por meio dos quais fez ligação com outros chefes influentes da capital. Isto resultou numa contra-revolução, chefiada por Marques de Souza, que rapidamente se apoderou de Porto Alegre, a 15 de junho de 1836, sendo presos os farroupilhas.

“Na praça restaurada, escreveu Ferreira Rodrigues, tudo era agitação. Apressadamente se construíram trincheiras de madeira, no meio de constantes sobressaltos da população. A todos dava ânimo Manoel Marques de Souza, nomeado major da praça. Aparecia em

todos os pontos, a todos os instantes, risonho, animador, confiando em suas próprias forças e nos exíguos recursos da cidade”.

A capital repeliu seguidos assaltos dos revolucionários. No dia 18, foi atacada por água, e o assalto levado a efeito no dia 30 foi repellido. Em ambos, muito se distinguiu o Major Marques, que ainda tomou parte nos combates de 15 e 20 de julho.

Em consideração à reconquista de Porto Alegre, graças ao atrevido golpe de Marques de Souza, o Governo Imperial deu à capital gaúcha, em decreto especial, o título de **“mui leal e valerosa”**. Mais tarde, premiou o herói com o título de Barão de Porto Alegre.

A saúde do soldado, todavia, ficara muito abalada, quer pelas privações que sofrera a bordo da “Presiganga”, quer pelas emoções que vivera para restaurar a ordem legal em Porto Alegre. Requereu por isso, licença para tratar-se, seguindo para a Europa em meados de 1837.

A 20 de agosto de 1838, foi graduado em Tenente-Coronel mas, não se conformando com a recompensa, requereu ao Imperador a efetivação naquele posto, fazendo, para isso, um retrospecto de suas atividades, desde o início da Farroupilha, requerimento este que se encontra no Arquivo do Exército.

De Paranhos Antunes diz que o requerimento de Marques de Souza é uma página histórica de alto valor. Sem exagerar nem vangloriar-se soube, de modo conciso, dizer o que havia feito em defesa do trono para pedir aquilo que julgava merecer. Três meses depois, a 2

de dezembro, o Imperador efetivava-o no posto de Tenente-Coronel. A revolução, entretanto, recrudescera no sul. Os Farrapos proclamaram a República, tentavam organizá-la, obtinham a adesão de Bento Manoel Ribeiro e invadiam Santa Catarina.

Marques de Souza, partindo para o teatro da luta, teve, entretanto, que continuar o tratamento de saúde, em sua terra natal, a cidade do Rio Grande, só retornando à atividade militar em 1840, quando assumiu o comando do 2º Regimento de Cavalaria Ligeira.

#### SOB O COMANDO DE CAXIAS

A 16 de setembro de 1841, o Tenente-Coronel Marques desbaratava a força de José Luiz Daniel, na Várzea do Varejão, sendo elogiado pelo Conde do Rio Pardo, comandante em chefe das armas imperiais. Por tal motivo foi promovido a Coronel a 27 de março do ano seguinte.

Em fins de 1842, assumia Caxias o comando em chefe das forças legais, trazendo com o seu prestígio enorme alento aos imperiais. Espírito organizador procurou, logo, dar aos seus comandados os recursos que precisavam em armas e equipamentos, ao mesmo tempo em que tentava reunir o maior número possível de cavalos, quer requisitando-os dos estancieiros, quer adquirindo-os no Uruguai, porque bem compreendia o valor do cavalo nas planícies gaúchas.

Caxias organizou o Exército Imperial em 3 Divisões. Fazendo parte da 1ª Divisão, foi criada a 7ª Brigada, sob o comando do Coronel Manoel Marques de Souza,

composta de um Regimento de Cavalaria, um Corpo de Cavalaria de Guardas Nacionais e três Esquadrões. Como se vê, era uma Brigada móvel, de Cavalaria, em condições de operar na campanha gaúcha, em qualquer direção. Combateu os farrapos em diversas ocasiões, Vila de Piratini e São Gabriel, principalmente.

### EMISSÁRIO DE CAXIAS

Durante os últimos meses de 1844 as conversações em torno da pacificação da Província progrediram bastante. Antônio Vicente da Fontoura, que fora ministro da Fazenda da República Farroupilha, teve a missão de estudar uma fórmula conciliatória. A primeira conferência com Caxias teve lugar a 6 de novembro de 1844. Concorde em muitos pontos, ficou combinado que seria escolhido um representante dos Farrapos para ir ao Rio, a fim de tratar diretamente com o governo imperial. A 10 de novembro, diante do presidente José Gomes Jardim, Antonio de Souza Neto, Davi Canabarro e João Antônio da Silveira, Fontoura expôs o resultado da conferência com Caxias. O mesmo Fontoura foi escolhido para ir ao Rio, como embaixador dos Farrapos, discutir as condições de paz.

Caxias designou o Coronel Manoel Marques de Souza e o Capitão Carlos Miguel de Lima e Silva, seu irmão, como seus representantes. Ambos, ao que parece, receberam instruções severas e detalhadas do Barão para conduzirem o emissário dos republicanos com toda a cortesia e se empenharem na Corte pela vitória dos pontos propostos. A 19 de

novembro seguiram para Pelotas, com destino ao Rio.

Não só o Coronel Marques de Souza como o Capitão Lima e Silva agiram com toda a simpatia e diplomacia junto ao embaixador dos heróicos rebelados de 35. A 12 de dezembro chegaram ao Rio de Janeiro. Os primeiros passos de Marques de Souza e seu companheiro, foram, no mesmo dia da chegada, a apresentação ao Ministro da Guerra, e a audiência necessária para o dia seguinte, a fim de ser apresentado, aos titulares do Império, Justiça e Guerra, o delegado dos Farrapos.

De fato, a 13 de dezembro teve lugar o primeiro encontro de Fontoura com os ministros da Guerra, Jerônimo Francisco Coelho, mais os do Império e da Justiça, presente Marques de Souza.

O que foi essa entrevista, o próprio Fontoura nos relata em seu "Diário". Com arrogância e desprezo, os ministros receberam o nobre e austero representante dos Farrapos, e quando este leu os primeiros artigos daquilo que julgava o mínimo indispensável ao final da luta, disseram-lhe os ministros que o governo imperial nada cederia. Então Fontoura respondeu-lhes à altura, imediatamente: "Já que os senhores querem só guerra de extermínio, o Brasil com luto o sentirá e nós sucumbiremos, mas nosso rosto não levará ao túmulo o cunho do envelhecimento! Os rio-grandenses sabem morrer!"

Manoel Marques de Souza, por espírito de disciplina, não quis contestar os ministros, esperando melhor ocasião. E assim terminou a primeira entrevista,

prometendo Fontoura que voltaria para despedir-se.

Ante o fracasso do primeiro contacto de Fontoura com os ministros do governo imperial, é de presumir-se que o Coronel Marques de Souza tenha agido ativamente para conseguir nova entrevista, em face das instruções que havia recebido de Caxias.

O Cel Marques de Souza não descansou, pois. E conseguiu nova reunião de Fontoura com os principais elementos do Ministério. Esta conferência teve lugar a 16 de dezembro, a ela comparecendo mais os ministros da Marinha, dos Estrangeiros e da Fazenda, ou seja, o Gabinete completo. Com certeza, andara aí o dedo do Imperador. As coisas então marcharam muito melhores, pois o governo cedeu a quase todas as proposições do emissário Farroupilha.

A 18 de dezembro, foi assinado o decreto com as instruções para a pacificação do Rio Grande, bastante honrosas para os Farrapos. Podia, pois, Vicente da Fontoura regressar aos pagos, contente pelo dever cumprido, embora ainda tivesse muito que trabalhar para conseguir o beneplácito dos líderes republicanos.

A 19, em companhia de Marques de Souza e de Lima e Silva, embarcava para o Sul, ansioso por levar a bom termo o restante da missão, chegando a 27 a Rio Grande. A 2 de janeiro de 1845, Marques de Souza já estava em Piratini, no Quartel-General de Caxias, que mostrou-se satisfeito com o resultado da viagem.

Fontoura tratou de levar ao governo republicano as condições que obtivera para o término da luta, e que eram, entre outras, o reconhecimento dos postos conferidos pelos Farrapos aos oficiais, até coronel, pagamento da dívida da revolução, liberdade dos escravos nela envolvidos, anistia plena, etc.

Finalmente, a paz foi assinada a 01 Mar 1845, sendo lançadas duas proclamações, uma de Caxias e outra de Canabarro.

Até a ante-véspera do dia 1º, Marques de Souza ainda conduziu providências para o pronunciamento dos chefes Farroupilhas, demonstrando o seu espírito conciliador. E ainda uma vez foi a ele que coube ir ao Rio participar ao Imperador a notícia da assinatura da paz.

Depois de dez anos de luta sangrenta, ia o Rio Grande do Sul entrar no caminho benfazejo da paz, e isto devia-se em parte à vontade e rapidez com que agira o futuro Conde de Porto Alegre, fazendo uma viagem ao Rio de Janeiro em 30 dias apenas, e ali, em uma semana, de 12 a 19 de dezembro, conseguindo as entrevistas necessárias. Prestou assim relevantes serviços à causa legal e ao sua querida província.

## O 1º CASAMENTO

A 28 de novembro de 1846, na Catedral da Santa Madre de Deus de Porto Alegre, casou o Coronel Marques de Souza com dona Maria Balbina Álvares da Gama, nascida em Bagé em 1822, filha do Brigadeiro José Maria Gama Coelho d'Eça, Barão de Saicã. Deste consórcio, houve uma única filha, dona Maria Manoela

Marques da Cunha, nascida em São José do Norte em fevereiro de 1848. Três anos depois, em junho de 1851, falecia dona Balbina, de parto, deixando viúvo o Cel Marques de Souza e a filha com apenas três anos de idade.

Viúvo, Marques de Souza deixou também uma filha natural, mais tarde legitimada, dona Manoela Mesquita Marques Bessares.

### BRIGADEIRO GRADUADO

A 14 de março de 1847, recebeu, como recompensa aos serviços prestados durante a Revolução Farroupilha, a graduação de Brigadeiro do Exército Imperial e a nomeação para comandante da 2ª Brigada de Cavalaria, cargo que desempenhou até 16 de abril de 1848, quando foi chamado para a Corte. Dois anos após, a 14 de agosto de 1850 foi efetivado no posto de Brigadeiro.

### NO PRATA, NOVAMENTE

A Revolução Farroupilha havia sido, para Juan Manuel de Rosas, um excelente motivo para entrar em relações com os farrapos e induzi-los à fragmentação da nossa unidade nacional. Rosas não desistia do seu velho sonho de restauração do antigo Vice-Reinado do Prata. O Barão do Rio Branco, que estudou a fundo os problemas platinos, escreveu que Rosas não perdia a esperança de “absorver o Estado Oriental do Uruguai e a República do Paraguai, reconstruindo o antigo vice-reinado do Prata”. Rosas procurava submeter ao seu

comando, com sede em Buenos Aires, pouco a pouco, o resto da América hispânica. E para conduzir a bom termo a sua aspiração só via um caminho: neutralizar, de qualquer forma, a força que se oporia, logicamente, ao seu plano, o Império do Brasil. Rosas queria a guerra, o uruguaio Oribe não almejava outra coisa, e ambos lutavam por todos os meios aos seus alcances para que a política brasileira se modificasse e lhes fizesse inconscientemente o jogo escuso. Desafiavam, provocavam, mas fugiam à responsabilidade. No Rio Grande do Sul, as incursões dos “blancos” de Oribe eram comuns.

Neste quadro, irrompia a luta no Prata contra Oribe e Rosas e foi assinado o Tratado de Corrientes. O Império havia designado Caxias.

A 30 de junho de 1851, o Conde de Caxias assume, em Porto Alegre, a dupla função de Comandante do Exército no Sul e a Presidência da Província do Rio Grande do Sul. Em Rio Grande e Pelotas organiza seu exército em quatro divisões. Em uma das brigadas da 2ª Divisão está o seu amigo e companheiro da época da Farroupilha, o Brigadeiro Marques de Souza, que recentemente havia perdido, de parto, sua esposa.

Vencido Oribe, Caxias reorganiza suas tropas e dá o comando da 1ª Divisão a Marques de Souza, já que o titular, Bento Manoel, havia baixado por doença.

O comandante da cavalaria da 1ª Divisão brasileira é ninguém menos que Osório, futuro patrono da Arma de Cavalaria. A 23 de dezembro, Marques de Souza, Osório e o correntino Urquiza

iniciam a transposição do Rio Paraná na região de Diamante, operação que durou vários dias. A 02 de fevereiro de 1852 o Exército Aliado atinge o Arroio Morón, próximo à Vila dos Santos Logares, região de Monte Caseros, próximo a Buenos Aires, onde Rosas montou sua principal defesa. No dia seguinte, 03 de fevereiro, ao amanhecer, iniciou o duelo das Artilharias e o tiro das armas leves.

Manobrando com equilíbrio, Marques de Souza empregou judiciosamente sua infantaria e a cavalaria de Osório, apoiadas pela artilharia. Às 1300 h do mesmo dia 03 de fevereiro, as tropas rosistas estavam em fuga e a vitória foi completa. Rosas fugiu e os brasileiros desfilaram em Buenos Aires, aplaudidos pelo povo liberto da tirania.

Marques de Souza foi elevado a Marechal de Campo e a Barão, respectivamente, por sua atuação frente a Rosas e pela retomada de Porto Alegre frente aos farroupilhas em 1836. Em junho de 1852, recebeu de Caxias, em Jaguarão, o comando do Exército do Sul, função que exerceu até 24 de setembro, quando passou a comandar as Armas da Província do Rio Grande do Sul, hoje 3ª Região Militar.

#### EM PORTO ALEGRE

Tendo passado as funções de Comandante das Armas em março de 1853, Marques de Souza continuou a residir em Porto Alegre. A 11 de junho de 1855 casa, pela segunda vez, agora com dona Bernardina Soares de Paiva, filha do Coronel Antônio Soares de Paiva. Deste

consórcio nasceram Maria Bernardina (1860), Clara, a 1ª (1863), que faleceu com oito meses e a 2ª Clara (1873). Não houve filhos homens em nenhum dos dois casamentos.

Em fevereiro de 1856, a conselho médico, conforme Antonio da Rocha Almeida, solicitou o Barão a sua reforma, que lhe foi concedida a 7 de julho do mesmo ano. Contava, então, com 52 anos de idade.

A partir daí, dedicou-se à política partidária, onde seu talento não brilhou menos do que na carreira das armas. Defendendo o Partido Liberal Santa Luzia, foi eleito à Assembléia Geral em 1856 e reeleito em 1861. A 24 de maio de 1862 passou a integrar, como Ministro da Guerra, o Gabinete Liberal do Conselheiro Zacarias de Góis e Vasconcelos, que teve efêmera duração, retornando o Visconde de Porto Alegre às suas funções de deputado. Foi promovido a Visconde a 02 Fev 1858.

#### A GUERRA DO PARAGUAI

O grande projeto do ditador paraguaio Francisco Solano López de submeter Corrientes, Entre Rios e Uruguai, depois Mato Grosso e Rio Grande do Sul, para formar o Grande Paraguai, de encontrar a almejada saída para o Rio da Prata e de impor uma humilhação ao Império com a conquista de uma cidade brasileira, trouxera ao Rio Grande do Sul as tropas do Gen Estigarribia. O ardor militar de Lopez provocaria, ainda, a invasão de Uruguiana.

Ao romper a guerra, Marques de Souza era deputado. Mesmo na condição de reformado, há nove anos, apresentou-se ao Ajudante-Geral do Exército para retornar ao serviço ativo. Contava então com 61 anos. A 21 de julho de 1865 foi nomeado comandante do Exército no Rio Grande do Sul. Imediatamente seguiu para Uruguaiana onde, juntamente com seu antigo inimigo farrapo Davi Canabarro, enfrentaria as hostes paraguaias de Estigarribia, formadas por seis mil homens, que tinham tomado a Vila. Marques de Souza conduziu o cerco às tropas paraguaias com firmeza, fazendo com que Estigarribia não tivesse outra alternativa senão render-se, o que aconteceu a 18 de setembro, na presença do Imperador Dom Pedro II.

Posteriormente, foi deslocado para São Borja, onde fez sua Base de Operações. A partir daí, transpôs o Rio Paraná, organizou o 2º Corpo de Exército e acampou junto ao antigo Forte de Itapiru. Recebeu então a missão de atacar Curuzú e Curupaiti, ocasião em que, sentindo a necessidade de coordenar todas as ações de terra, desempenhou o verdadeiro papel do COMANDANTE DAS FORÇAS TERRESTRES, quando tomou a feliz iniciativa de fazer uma acertada sugestão ao Corpo vizinho, comandado pelo Gen Polidoro.

A execução do ataque contra Curuzú e Curupaití revestiu-se, em grande parte, dos aspectos inerentes às OPERAÇÕES COMBINADAS da guerra contemporânea. As tropas de Porto Alegre, após os reconhecimentos, efetuaram o desembarque, protegidos pelos fogos de

várias canhoneiras de Tamandaré, e prepararam-se para iniciar o ataque. Conquistado Curuzú, a 03 de setembro, deveriam as forças do 2º Corpo, conforme Porto Alegre, prosseguir no ataque para a captura de Curupaití. Entretanto, foi ordenada a suspensão do ataque, quando todas as circunstâncias aconselhavam a continuação até a conquista do objetivo final. Esta foi uma das causas do desastre de Curupaití, a 22 de setembro, em que as tropas aliadas, diretamente comandadas por Mitre, foram derrotadas pelas forças de López. Entretanto, Porto Alegre fez questão de deixar a seguinte frase em sua Ordem do Dia: “Em **Curupaití** ficou ilesa a honra da Bandeira Brasileira.”

Nesta altura da guerra, o Império designa Caxias, entendendo que o argentino Mitre não correspondia ao que dele se esperava.

Porto Alegre pede então ao Marquês de Caxias permissão para vir para o Rio Grande do Sul para tratar da saúde, o que lhe é concedido. A 01 de março retorna ao Paraguai e reassume suas funções. A 03 de novembro conquista, em Tuiuti, mais uma vez a vitória, mesmo ferido e com dois cavalos mortos, tendo, conforme Rocha Almeida “lutado como um tenente, apesar de seus 63 anos”. Conforme o mesmo historiador, a vitória nesta 2ª batalha de Tuiuti foi o dia de maior glória para o Visconde de Porto Alegre, maior ainda que Curuzú. Em sua túnica de general foram contados 47 furos de tiros de armas de fogo.

“No recontro de 3 de novembro – escreve Tasso Fragoso – a figura do general Porto Alegre destaca-se com brilho

imorredouro. Ele patenteia, mais uma vez, as suas qualidades excepcionais de heroísmo e tenacidade. Embora compreendendo a gravidade do momento, mantém-se firme no cumprimento do dever. Perde duas vezes o cavalo em plena refrega, recebe contusões por balas inimigas, mas continua à testa dos elementos disponíveis, eletrizando-os com o seu exemplo e inflamando-os no desejo de colher a vitória naquele lance.”

Em janeiro do ano seguinte, 1868, seus sofrimentos físicos se agravaram e Porto Alegre passou o comando do 2º Corpo de Exército, retirando-se definitivamente da guerra. A 11 de abril, foi promovido a Conde, mercê da sua atuação em Tuiuti. Tinha acabado de encerrar, da forma mais gloriosa, a carreira das armas.

Recolhendo-se à corte, recebeu o título de Conde de Porto Alegre, em remuneração da vitória que alcançou a 3 de novembro, bem como a Medalha do Mérito Militar pelos combates de Curuzú, Curupaiti e Tuiuti.

Retorna às lides políticas, sendo eleito representante do Rio Grande do Sul no Parlamento, a Assembléia-Geral. Estava em plena atividade política quando a morte o surpreendeu, em 18 de julho de 1875, cercado do carinho de suas filhas e netos. Morria o Libertador de Porto Alegre e de Buenos Aires. Seu corpo embalsamado veio para a capital gaúcha em um navio de guerra e desde novembro daquele ano repousa em capela particular no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia.

Ergueu-lhe a capital rio-grandense artístico monumento em mármore de Carrara, cuja inauguração, a 02 de fevereiro de 1885, na antiga Praça Dom Pedro II, hoje Praça da Matriz, contou com a presença de Sua Alteza, a Princesa Isabel, na época Regente do Império. A 12 de outubro de 1912, foi efetuada a transladação da estátua para a Praça Conde de Porto Alegre, por Decreto do Intendente José Montaury. Nesta solenidade, pela primeira vez, formou o recém criado Colégio Militar de Porto Alegre, verdadeiro preito de homenagem a um dos militares mais ilustres e exemplares que o nosso país já conheceu.

Além da praça e da estátua, é lembrado também pela Rua Conde de Porto Alegre, no Bairro Floresta, é patrono e denominação histórica do 8º Regimento de Cavalaria Mecanizado, Regimento Conde de Porto Alegre e é patrono do município de Marques de Souza. E ainda por este Solar, que foi sua residência.

O Rio Grande do Sul não esquece o filho ilustre e bravo.

Luiz Ernani Caminha Giorgis  
Delegado da AHIMTB/RS  
Delegacia Gen Rinaldo Pereira da Câmara  
Vice-Presidente do IHTRGS